

FATORES CONDICIONANTES E FORMAS DA MIGRAÇÃO SAZONAL: O CASO DA MIGRAÇÃO DO VALE DO JEQUITINHONHA (MG) PARA A REGIÃO CANAVIEIRA DE RIBEIRÃO PRETO (SP)¹

JOSÉ JORGE GEBARA², JOSÉ GIACOMO BACCARIN³ e MARIA MADALENA Z. BORBA⁴

RESUMO – Este trabalho estuda a migração sazonal de trabalhadores do Vale do Jequitinhonha - MG para a região canavieira de Ribeirão Preto - SP. A migração sazonal ocorre como forma de viabilizar a vida dos migrantes na sua região de origem, pois é com o assalariamento na colheita da cana-de-açúcar que conseguem complementar a baixa renda obtida na exploração de suas pequenas áreas de terra encravadas nas montanhas. Os principais dados, para confecção de tabelas que propiciaram a análise, foram obtidos através de levantamento de questionários na região de destino (SP) e na região de origem (MG). Os migrantes na região de destino são submetidos a precárias condições de vida e trabalho, sendo comum que lhes sejam atribuídas as piores canas para colher. Os mineiros, como são conhecidos os migrantes sazonais, vêm em grande parte “por conta própria” e se alojam nos barracões das propriedades agrícolas ou nas rústicas e precárias pensões nas cidades, sempre sob controle de algum tipo de intermediação de mão-de-obra. Esses trabalhadores raramente contestam ou reivindicam melhores condições de vida e trabalho. Querem realizar rapidamente a colheita da cana e voltar para a região de origem e plantar sua roça. Essa característica do migrante sazonal vem determinando, atualmente, maior preferência, por parte dos empresários agrícolas da cana-de-açúcar de Ribeirão Preto, em contratar esse tipo de mão-de-obra em detrimento de parte do contingente local, ficando assegurado para si maior controle sobre a força de trabalho.

Termos para indexação: migração sazonal, vale do Jequitinhonha, Ribeirão Preto, mão-de-obra não qualificada.

A STUDY OF THE CAUSES AND PATTERN OF SEASONAL HUMAN MIGRATION

ABSTRACT – The objective of the present work was to study the causes and to establish a pattern for the seasonal migration of workers which occur annually between Jequitinhonha's Valley in the State of Minas Gerais and the region of Ribeirão Preto in the State of São Paulo. The region of Jequitinhonha Valley is a depressed area characterized by areas of minifundia where excess of farm population lives on the slopes and cultivates uneconomic units. On the other hand, the region of Ribeirão Preto is characterized by a developed agricultural area where sugar cane is the dominant crop. The data used in the study was collected in interviews through a questionnaire directly applied to the workers in their origin and destination. It was identified that the seasonal migration of the workers from Jequitinhonha's Valley is the means that the workers can use to increase their income. Furthermore, they seek for temporary work during sugar cane harvest season. The results showed that the migrants in the region of destination are submitted to the poorest

¹ Recebido em 23 de outubro de 1987.

Aceito para publicação em 07 de abril de 1988.

Este trabalho é parte do projeto: “O Mercado de mão-de-obra volante na cana-de-açúcar e a migração sazonal”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

² Economista, Dr., Professor da FCAVJ (DER/FCAVJ/UNESP) Rodovia Carlos Tonanni, km 5 - CEP 14870 - Jaboticabal - SP.

³ Eng^o Agr^o, M.S., Professor da FCAVJ (DER/FCAVJ/UNESP) Rodovia Carlos Tonanni, km 5 - CEP 14870 - Jaboticabal - SP.

⁴ Eng^o Agr^o, M.S., Professor da FCAVJ (DER/FCAVJ/UNESP) Rodovia Carlos Tonanni, km 5 - CEP 14870 - Jaboticabal - SP.

living and work conditions, usually they are assigned to harvest the worst sugar cane. The "mineiros", as they are known, come by themselves to Ribeirão Preto and they end up living in the barns of the farms or in the boarding houses around the cities, but always under control of a "middleman", i.e., an intermediary between workers and employers. The migrant workers accept all the conditions of employment and rarely get into labor dispute in order to negotiate wages and working conditions. They perform their jobs quickly and go back home to cultivate their lands. This is the reason why the employers in the region of Ribeirão Preto give preference for these people to harvest sugar cane because they can get control of the labor force.

Index terms: human migration, seasonal migration, interregional movement of workers, "barracões".

INTRODUÇÃO

Este trabalho estuda a migração sazonal de trabalhadores do vale do Jequitinhonha, norte de Minas Gerais, para a região canavieira de Ribeirão Preto no Estado de São Paulo.

A cultura da cana-de-açúcar apresenta dois momentos distintos de utilização de mão-de-obra não qualificada, sendo que na safra - onde a operação de corte é realizada basicamente de forma manual - a necessidade de mão-de-obra é maior que na entressafra, onde as operações apresentam maiores índices de mecanização. Dados do Instituto de Economia Agrícola de São Paulo (1984) confirmam a sazonalidade da demanda de mão-de-obra na cana-de-açúcar, indicando que a cultura na região de Ribeirão Preto demanda 14,4 dias-homem por hectare no período da safra e 5,7 dias-homem/ha no período da entressafra, ou seja, a necessidade de mão-de-obra na entressafra é de apenas 40% da necessidade da safra.

A região de Ribeirão Preto, desde a década de 1950, constitui-se em tradicional produtora de cana-de-açúcar. Após 1975, com a implantação do PROÁLCOOL, a expansão da área plantada com a cultura acentuou-se consideravelmente, passando de 243.683 ha em 1975 para 441.693 ha em 1980 e 556.600 em 1986 (IBGE, 1975 e 1980; IEA, 1986), ou seja, um crescimento de 81,3% entre 75/80 e de 26% entre 80/86. Esta expansão contribuiu para reforçar a sazonalidade de mão-de-obra, já que foram substituídas áreas com outras culturas (como o algodão e o milho) que empregam a mão-de-obra no período coincidente com a entressafra da cana-de-açúcar (Veiga Filho *et al.*, 1982).

O período de colheita da cana-de-açúcar coincide, em grande parte, com o da laranja e do café. Estas duas culturas são também bastante importantes na região de Ribeirão Preto e, como a cana-de-açúcar, são colhidas manualmente. A coincidência dos períodos de colheita destas três culturas e suas grandes participações na área agrícola regional fazem com que a demanda por mão-de-obra seja elevada nesta fase, com tendência a provocar escassez relativa de mão-de-obra local. Este fato estimula a vinda de trabalhadores de outras regiões para "fazerem a safra", especialmente da cana-de-açúcar, embora também ocorra no café e na laranja.

Já no período da entressafra da cana-de-açúcar, coincidente com a entressafra da laranja e do café, a demanda por mão-de-obra diminui consideravelmente, ocasionando

nando rebaixamento de salários e desemprego para parcela da população volante local. Isto contribui para que pelo menos uma parte dos migrantes não permaneça definitivamente na região canavieira.

Assim, em decorrência das variações na demanda por mão-de-obra entre a safra e entressafra de cana-de-açúcar, fica caracterizada uma atração sazonal de migrantes que exerce a região canavieira de Ribeirão Preto. Resta, entretanto, o outro lado da questão, ou seja, a procedência e as explicações da saída dos migrantes de suas regiões de origem.

Segundo levantamento da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados 1983), dos migrantes sazonais da região de Ribeirão Preto, 63% procedem de outros Estados sendo 52,9% de Minas Gerais, 5,9% do Paraná e 4,2% dos demais estados da Federação. Especificamente de Minas Gerais, a quase totalidade da migração origina-se do vale do Jequitinhonha, ao norte do Estado.

É esta parcela de migrantes sazonais, oriunda do vale do Jequitinhonha, que se pretende analisar neste trabalho. O objetivo é levantar os fatores condicionantes que motivam a saída temporária dos migrantes de sua região de origem. Também pretende-se analisar as formas como se estabelece essa migração.

OS DADOS

O levantamento de dados iniciou-se na safra canavieira de 1985, mais precisamente em setembro/outubro, quando foram entrevistados 106 migrantes sazonais, sendo 41 domiciliados no município de Jabotical, 31 no município de Barrinha, 20 em Guariba, 9 em Dobrada e 5 em Santa Ernestina, municípios estes pertencentes à região de Ribeirão Preto. Dos 106 migrantes entrevistados, 35 se alojavam em barracões no interior das unidades produtivas de cana-de-açúcar e os restantes em pensões nas sedes dos municípios citados.

A escolha dos 5 municípios decorreu do conhecimento prévio de serem recebedores de migrantes sazonais, sendo que a localização dos barracões e pensões foi feita através de informações de boias-frias locais, sindicalistas, agentes de pastoral etc. O tamanho da amostra não guarda proporcionalidade pré-determinada com a população total de migrantes sazonais - mesmo porque não se dispõe desta informação - mas acredita-se que ela seja representativa para os objetivos pretendidos no trabalho.

Além de propiciar informações sobre as condições de vida e de trabalho na região canavieira, os 106 questionários serviram para estabelecer as cidades de procedência dos migrantes e fornecer informações preliminares sobre os fatores condicionantes e as formas da migração sazonal.

Estas últimas informações foram complementadas com novas entrevistas realizadas com 32 dos 106 entrevistados inicialmente. O trabalho foi realizado em janeiro de 1986, com a estadia dos pesquisadores por 15 dias no vale do Jequitinhonha, percorrendo os municípios de Araçuaí, Francisco Badaró, Virgem da Lapa, Chapada do Norte, Berilo e Minas Novas. Pôde-se, assim, visualizar de perto as condições de vida e trabalho dos migrantes em sua região de origem, de maneira a aumentar o entendimento do problema da migração sazonal.

FATORES CONDICIONANTES DA MIGRAÇÃO

A preocupação do presente trabalho, como já se afirmou na introdução, é com a migração sazonal, ou seja, aquela que ocorre periodicamente. Todo o ano o migrante se desloca para a região de destino, para o corte de cana, e ao término da safra, volta para sua região de origem.

A literatura tem colocado como fatores condicionantes da migração as desigualdades regionais, fatores de estagnação da região de origem as pressões exercidas sobre a escassa e pobre dotação de recursos nas regiões de origem.

Os entrevistados, quando indagados a respeito das razões da vinda para a região de destino, alegaram o seguinte: "vêm para ganhar dinheiro para sobreviver"; "ganhar dinheiro para plantar sua roça"; "comprar algum animal, construir casa"; "conseguir e mandar dinheiro para sustentar a família e guardar para a entressafra da cana". Percebe-se que o motivo básico é a necessidade de se ganhar dinheiro na região de destino (bastante capitalizada) para complementar o ganho e viabilizar a subsistência na região de origem onde praticam a atividade agrícola a nível de mera subsistência. Em depoimentos dos migrantes é comum se encontrar alegação como "a terra da gente é fraca"; "aqui não corre dinheiro"; "não se encontra trabalho". Em entrevistas realizadas pelo Boletim das Migrações (Centro de Estudos Migratórios e Centro Pastoral dos Migrantes), encontram-se os seguintes depoimentos: "e nós pra poder criar nossos filhos hoje tem que vir aqui cortar cana, pra poder ganhar o nosso pão... e ainda assim tem muito abuso!". "Lá em Minas, quando acaba o dinheiro, acabou o homem!".

O avanço capitalista no vale do Jequitinhonha provoca a entrada dos camponeses no circuito do mercado de produtos e conseqüentemente no circuito monetário. A "diferença do mercado de produtos que antes eram produzidos por eles próprios, veio a reforçar a necessidade do "salário complementar", do "trabalho acessório" fora da unidade camponesa" (Silva *et al.* 1985).

Acabada a safra de cana, os migrantes voltam para sua região de origem. As razões alegadas para a volta são do seguinte tipo: "plantar a lavoura por lá"; "ajudar o pai na roça"; "aqui não tem emprego, lá eu toco o que é da família"; "na parada não dá dinheiro"; "meu lugar é lá, aqui é para ganhar dinheiro"; "só volto se a usina mandar embora".

Na entressafra da cana há escassez de trabalho na região de destino. Nem a mão-de-obra local é absorvida, ocorrendo desemprego por grandes períodos do tempo. Caso o contingente de migrantes fique na região, evidentemente, o número de desempregados aumenta. Os fornecedores de cana dispensam todos os seus cortadores e as usinas dispensam de 50% a 60% de seu contingente de safristas.

Caso o migrante mantenha seu emprego na usina, na entressafra, ganhando pouco mais que o salário mínimo, ainda assim a renda monetária na região de destino é maior que na de origem onde, além da dificuldade de se conseguir emprego, os salários são extremamente baixos. O que acontece, porém, é que na região de destino o migrante não consegue emprego na entressafra, ficando sujeito à incerteza de conseguir trabalho esporádico, sem vínculo formal de emprego, em 2 ou 3 dias da semana como volante.

Esta dificuldade de obtenção de emprego associada às despesas que o migrante tem na região de destino (aluguel e alimentação), o que representa desembolsos monetários forçados, inviabiliza a permanência dos mineiros na região da cana. Os custos de sua permanência são altos e não se pode esquecer que a família fica em Minas Gerais totalmente dependente de seu chefe.

Essa incerteza de emprego e a diminuição dos eventuais salários na entressafra da cana forçam os migrantes a voltarem para a região de origem e prepararem a lavoura que a família (mulher e filhos) irá cuidar enquanto eles vêm para o corte da cana. Essa lavoura, normalmente constituída de milho, mandioca e feijão, possibilita o sustento da família. O milho viabiliza a criação de animais domésticos, como galinhas e porcos, que servem de alimento e para a venda na feira. Milho e mandioca também são transformados em farinha para alimentação da família e o excedente é comercializado.

A sobra do dinheiro conseguido na colheita de cana mais os alimentos produzidos na propriedade permitem a subsistência da família do migrante.

As idas e vindas dos trabalhadores migrantes são determinadas, basicamente, por razões econômicas, ou seja, o migrante se desloca para o local onde há chances de maior ganho.

Quando estão fora de sua região de origem, são submetidos a extenuantes jornadas de trabalho e a péssimas condições de alojamento e alimentação para conseguirem maior quantidade de dinheiro para mandarem e/ou levarem para casa.

As precárias condições de trabalho e vida dos migrantes são expressas quando se compara sua situação nas regiões de origem e destino.

A Tabela 1 mostra que 98% dos migrantes têm renda maior na região de destino (RD) quando comparada com a renda da região de origem (RO). Na região de destino também é mais seguro conseguir emprego, segundo 65% dos entrevistados. De outro lado, segundo 88% dos entrevistados, o desgaste físico no trabalho é maior no corte de cana (RD) do que nas lavouras em Minas Gerais (RO). Os mineiros que, em sua região de origem, cuidam de lavouras próprias alegaram, em grande maioria (87%), que têm menor liberdade de trabalho no corte de cana na região de destino.

Com relação às condições de vida, pode-se notar, pela Tabela 2, que 78% dos entrevistados acham que a alimentação na região de destino é pior que na região de origem. Com relação à moradia, 92% dos migrantes acham suas condições na região da cana piores que na região de origem. Com relação à saúde e divertimento, a maioria dos entrevistados, 66% e 86% respectivamente, entende que a situação na região de destino é pior que na de origem.

Essa avaliação comparativa das condições de vida e trabalho nas regiões de origem e de destino, feita pelos próprios migrantes, evidencia que o trabalhador só vem para o corte de cana para ganhar mais dinheiro, para complementar a renda familiar proveniente da atividade agrícola no vale do Jequitinhonha.

Como mostra a Tabela 3, tão logo atinja a idade de poder trabalhar, o trabalhador se desloca para a região de destino. A idade mais comum para a realização da primeira migração foi de 15 a 18 anos, com 47,17% dos entrevistados estando nessa faixa. Aproximadamente 71% dos entrevistados realizaram a primeira migração com idade máxima de 18 anos. Para idades superiores a 25 anos, é pequeno o número de

entrevistados que iniciaram o processo migratório, ratificando a idéia de que a grande maioria dos trabalhadores se vê forçada a migrar tão logo atinja a idade suficiente para o trabalho.

Na região de destino a expectativa da maior parte dos migrantes é terminar a colheita de cana o mais rapidamente possível para poderem retornar a Minas Gerais e prepararem sua lavoura. Os trabalhadores, em grande maioria, deixam seus familiares na região de origem. Não trazem mulher e filhos, pois não querem vê-los submetidos às precárias condições de vida em São Paulo. É conveniente lembrar que os aluguéis nas zonas periféricas das cidades na região canavieira são elevados, o que dificulta a permanência das famílias na região de destino até na época de safra, situação que se agrava na entressafra quando a oferta de empregos é drasticamente reduzida.

TABELA 1. Comparação das condições de trabalho na região de destino (RD) em relação à de origem (RO), 1985.

	Maior		Igual		Menor		Totais ^a	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Renda	103	98	01	01	01	01	105	100
Liberdade de trabalho	11	10	03	03	91	87	105	100
Desgaste físico	92	88	02	02	11	10	105	100
Segurança no emprego	68	65	03	03	35	32	105	100

Fonte: Banco de dados do DECOR/UNESP/Jaboticabal.

^a não trabalha na região de origem.

TABELA 2. Comparação das condições de vida do migrante na região de destino em relação à de origem, 1985.

	Melhor		Igual		Pior		Totais ^a	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Alimentação	11	10	12	12	82	78	105	100
Moradia	04	04	04	04	97	92	105	100
Saúde	08	08	27	26	70	66	105	100
Divertimento	10	09	05	05	90	86	105	100

Fonte: Banco de dados do DECOR/UNESP/Jaboticabal.

^a não trabalha na região de origem.

TABELA 3. Idade do migrante à época da 1ª migração.

Estratos (anões)	Número	%	% acumulada
< 10	01	0,94	0,94
10 a 15	24	22,64	23,58
15 a 18	50	47,17	70,75
18 a 25	22	20,75	91,50
25 a 30	04	3,77	95,27
30 a 40	02	1,89	97,16
40 a 50	03	2,84	100,00
Total	106	100,00	100,00

Fonte: Banco de dados do DECOR/UNESP/Jaboticabal.

O migrante sazonal tem demonstrado que sua preferência é por sua região de origem, inclusive os solteiros sempre procuram se casar "com moças lá de Minas". Os solteiros, antevendo o casamento, mandam dinheiro para construir sua casa na terra da família.

Depoimentos colhidos por Voll (1984) e citados por Silva *et al.* (1985) confirmam que o trabalhador só vem por necessidade e que existe forte ligação do migrante com a terra e o meio. "A identidade do indivíduo passa pela terra; ela só se define a partir da terra. Isto fica evidente através dos depoimentos dos camponeses. "O mió está no que é da gente. Eu venho p'ra cá por precisão. Aqui a gente está no meio de desconhecido. Lá não, lá a terra é da gente, é o meio da gente". Percebe-se que além da terra, a identidade é medida pelo "meio da gente", pela comunidade à qual pertence". E mais. "Deixá a família não é bom não, a gente sabe a dor que sente... se eu pudesse eu queria quietá por lá, junto com minha gente. Eu queria um conforto prá gente fiá a terra e não queria saír de lá... O que eu queria era ficar lá e ter condições de cuidar a terra lá e não precisá vir p'ra cá..." (Silva *et al.* 1985).

Mais recentemente tem se constatado que os migrantes sazonais mais jovens e que vêm solteiros para o corte de cana começam a apresentar tendências de se fixarem na região de destino quando a terra familiar começa a se tornar insuficiente para o sustento dos pais e dos irmãos mais velhos que se casaram antes. Dizem: "Vou fazer o quê por lá, a terra é pouca e fraca e não dá para viver". A tendência é irem apenas para passeio ou abreviarem fortemente o tempo de permanência na região de destino, indo apenas para ajudarem na limpeza das terras para plantio.

A ação do Estado na região do vale do Jequitinhonha também contribui para o aceleramento do processo migratório. Silva *et al.* (1985) dizem que o Programa de Desenvolvimento Rural Integrado - P.D.R.I. na realidade "tratava-se no seu conjunto de um Programa que refletia a ação econômica do Estado em benefício do grande capital, representado pelo Banco Mundial, no sentido de garantir a penetração do capitalismo nesta região, caracterizada, essencialmente, por uma agricultura de auto-sub-

sistência". Os mesmos autores, citando Voll (1985), arrolam os seguintes resultados imediatos da implantação do P.D.R.I.:

- "a diferenciação social entre os camponeses. Uma pequena minoria aderiu ao Programa e às suas propostas, enquanto que a maioria não apresenta(va) condições de atingir os requisitos mínimos necessários para sua incorporação ao processo... Enquanto a grande maioria se vê crescentemente proletarizada, **através de um processo acelerado de migrações** (grifo nosso), outra camada se incorpora ao mercado financeiro.
- a introdução da economia monetária (política de crédito, de preços de mercado etc.) provocou a ruína de muitos camponeses que foram obrigados a vender as terras, ou a se assalariar para saldar as dívidas contraídas com o Banco.
- incremento do processo de concentração fundiária com o abandono ou venda da terra.
- **aumento da proletarização e das migrações sazonais** (grifo nosso).
- modernização da produção com a introdução das atividades de reflorestamento. Em 1980, segundo o Censo Agropecuário, 55.000 ha de terra em Minas Novas pertenciam a nove Empresas S. A. de Reflorestamento, o que correspondia a 50% das terras deste município".

FORMA DA MIGRAÇÃO

Discutidos os fatores condicionantes da migração sazonal, nesta seção pretende-se detalhar a maneira como se realiza o processo migratório e como o migrante se engaja nos trabalhos da região de destino. Interessa verificar a ocorrência de intermediários no processo migratório e até onde este fluxo populacional já está consolidado.

Os dados coletados permitem estabelecer que atualmente existe um fluxo "natural" de migração na época da colheita de cana. Não é preciso haver, para a maioria dos casos, arregimentação na região de origem e transporte patrocinado pelo empregador. Da Tabela 4 depreende-se que mais de 90% dos entrevistados vêm por conta própria, ou seja, não dependem nem do proprietário e nem do intermediário. Muitos já deixam o "emprego arrumado" ao término da safra anterior. À época oportuna telefonam para o proprietário ou para algum conterrâneo residente na região de destino para se informarem a respeito do início da safra.

Grande número de migrantes que se alojam nas cidades deixam parte de seus pertences (fogão e utensílios de cozinha) nas pensões em que residem, pagando (adiantado) o aluguel do período que ficarão em Minas Gerais.

Dos entrevistados, apenas 6 (5,66%) disseram ter vindo através de intermediário ("gato") e 4 (3,77%) através do proprietário-empregador.

É oportuno esclarecer que os alojados nas cidades e que vêm independentemente de intermediário, ao conseguirem trabalho se submetem a alguma forma de intermediação vigente para migrantes e não migrantes. Os que ficam alojados nas propriedades também ficam sujeitos a um "responsável pela turma", que acaba fazendo o papel de intermediário.

TABELA 4. Condições de deslocamento dos migrantes sazonais, 1985.

Condições do deslocamento	Nº	%	Deslocamento com:							
			Amigos		Parentes		Amig.parentes		Só	
			Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Conta própria	96	90,57	26	27,08 (24,53)	14	14,58 (13,21)	30	31,25 (28,30)	26	27,08 (24,53)
Intermediário	06	5,66	02	33,30 (1,89)	-	-	03	50,00 (2,83)	01	16,67 (0,94)
Proprietário	04	3,77	01	25,00 (0,94)	01	25,00 (0,94)	02	50,00 (1,89)	-	-
Total	106	100,00	29	-	15	-	35	-	27	-

Fonte: Banco de dados do DECOR/UNESP/Jaboticabal.

Os números entre parênteses se referem à percentagem em relação ao total dos entrevistados.

Os dados da Tabela 4 mostram que a grande maioria dos migrantes se desloca para a região de destino acompanhados de amigos e parentes. Aproximadamente 25% dos entrevistados disseram ter se deslocado desacompanhados.

Pela Tabela 5 vê-se que 36 (35%) dos entrevistados vêm com emprego acertado, enquanto que 68 (65%) conseguem seus empregos após chegarem à região de destino. Destes, 43 alegaram não encontrar dificuldades para conseguir emprego; 19 entrevistados disseram ter encontrado dificuldades para conseguirem emprego, enquanto que 6 encontraram relativa dificuldade. Em termos totais, aproximadamente 76% dos entrevistados não tiveram dificuldades para conseguir emprego na região da cana-de-açúcar.

Dentre os 68 que não vêm com emprego acertado, 24 (35,29%) conseguem trabalho contatando diretamente o empreiteiro, conforme mostra a Tabela 6. Os contatos com amigos e/ou parentes aparecem em 26,47% dos casos entrevistados e um único migrante alegou ter contatado diretamente o proprietário.

Na maioria dos casos, 25 (36,76%), os migrantes alegam contatos mistos, ou seja, procuram parentes, amigos, empreiteiros ou proprietários para conseguirem emprego.

INFLUÊNCIA DA MIGRAÇÃO SAZONAL NO MERCADO DE MÃO-DE-OBRA RURAL E NAS CIDADES DA REGIÃO DE DESTINO

À medida que se aproxima a época de colheita de cana, os migrantes sazonais começam a vir para a região de destino para se integrarem às turmas de corte de ca-

na. Parte dos migrantes, como é sabido, se aloja nas próprias unidades produtivas e parte nas pensões das cidades.

Sobre as cidades, os efeitos da migração se fazem presentes pelo inchaço da periferia e conseqüente insuficiência do equipamento urbano. A demanda por moradia aumenta nesse período, e começam a improvisar locais para alojar os migrantes. Os proprietários de quartos de aluguel constroem novas unidades de pequeno tamanho em exíguos terrenos, transformando os locais de habitação de aluguel em autênticos cortiços.

As autoridades municipais de Guariba e Barrinha, quando entrevistadas, alegaram sérios problemas para suas cidades, advindos da intensificação da migração. Esses municípios, que recebem aproximadamente cinco mil migrantes cada um, passaram a ter que aumentar suas redes de água e esgoto para a periferia, defrontando-se com escassa dotação orçamentária. Mesmo que boa parte dos migrantes se aloje nas fazendas, as cidades têm que se aparelhar para enfrentar a demanda por serviços urbanos.

TABELA 5. Existência de dificuldades para conseguirem emprego na região de destino - 1985.

Dificuldade de arrumar emprego na região de destino	Vem com emprego acertado		Totais	
	Sim	Não	Nº	%
Sim	-	19	19	18,27
Não	36	43	79	75,96
±	-	06	06	5,77
Total	36	68	104	100,00

Fonte: Banco de dados do DECOR/UNESP/Jaboticabal.

TABELA 6. Formas de contatos dos migrantes para conseguirem emprego, quando não vem com emprego acertado - região da cana - 1985.

Formas de contato	Nº	%
Amigos e parentes	18	26,47
Empreiteiro	24	35,29
Proprietário	01	1,47
Misto	25	36,76
Total	68	100,00

Fonte: Banco de dados do DECOR/UNESP/Jaboticabal.

Os serviços de assistência social, incluindo serviços médicos e odontológicos, ficam sobrecarregados, mal conseguindo prestar precário atendimento.

Muitos migrantes vêm com problemas de saúde para se submeterem a tratamento médico na região de destino, onde conseguem atendimento (principalmente nas usinas) melhor que na região de origem.

Com relação ao mercado de trabalho, a vinda dos migrantes evita que a maior demanda por mão-de-obra provoque aumentos na remuneração dos trabalhadores no período de safra. Os migrantes vêm apenas para o corte de cana, numa situação passageira, esperando ganhar o máximo no menor período de tempo possível, não questionam e nem reivindicam melhores preços para o corte de cana. Nas propriedades em que se empregam trabalhadores locais e migrantes sazonais é comum destacar-se a estes os talhões de cana que apresentam maiores dificuldades para o corte, pois os "mineiros não reclamam".

Os próprios migrantes entendem que seu deslocamento para a região da cana afeta a situação dos trabalhadores locais, como se depreende do seguinte depoimento: "porque geralmente acontece de ficar muito paulista parado e os mineiros daqui fazendo o serviço das indústrias de lá, então eles acha que não está certo. Sempre você vê eles reclamar, e se for pesar bem, eles deve estar certo, a gente sai do Estado para ir tirar o pão da boca deles lá, eles não vai ficar satisfeito, mas fazer o que? Tem que procurar onde sai alguma coisa. Porque os mineiros saem daqui e vai trabalhar, eles quer ganhar dinheiro, e os paulistas, eles costuma trabalhar dois, três dias na semana e não quer mais, e os mineiros, o que eles ganha lá eles acha que ainda é pouco, eles quer ganhar mais, porque eles tem uma safra de seis meses só, então eles quer ganhar dinheiro (...) produção". (José João - "gato" - Santa Rita - Chapada do Norte - MG)⁵.

Os migrantes sazonais não participam de movimentos grevistas reivindicatórios. Os depoimentos seguintes mostram isso: "A greve da mineirada aqui, em fazenda assim, não sai. Como é que você vai fazer greve no meio de uma fazenda dessa aqui? Entre nós aqui? Os mineiros contra os paulistas, ele não pode fazer greve. O jeito é suportar o que está acontecendo. Se for fazer greve aí, eles manda a polícia vim pegar a gente" (Cortador de cana em roda de conversa - Fazenda Barrinha - Ribeirão Preto - SP)⁶. "A greve não atrapalha nós mineiros, porque a greve em São Paulo são os paulista que faz ela, enquanto eles tá fazendo greve, nós aqui estamos cortando cana. Esse ano mesmo eles já cercou caminhão de mineiro no trevo da usina, mas o caminhão passou. Passou e foi pro serviço pião aí escondido, porque o pião, Deus o livre, se falar greve. Porque essa mineirada aqui nenhum faz greve, não senhor, essas greve que tão tendo na paulista, essas greve são só de paulista. Não tem mineiro nela, não. Pode ter algum mineiro mais velho que mora lá, mas desses que vai daqui, de ônibus alugado, não, nenhum entra em greve, eles fica assustado enquanto a greve não termina, eles fica com medo" (Antonio - "gato" - Santa Rita - Chapada do Norte - MG)⁷. "A turma mineira vem para cá, eles precisa ganhar dinheiro

⁵ Depoimento citado no texto da exposição: "Ô de Casa com Licença... Do Jequitinhonha ao Canavial", realizada em São Paulo, de 1º de maio a 29 de junho de 1986.

⁶ Ibid.

⁷ Ibid.

p'ra poder ir embora. Juntar um dinheiro pra poder chegar em Minas com um pouco de dinheiro. Agora eles pega e esforça mais. A turma da cidade não esquentam tanto igual aos mineiros" (Cortador de cana em roda de conversa Fazenda Barrinha - Ribeirão Preto - SP)⁸.

Como se percebe desses depoimentos, além do medo por serem de fora ou por ficarem confinados no interior dos canaviais das propriedades produtoras, os mineiros não costumam aderir à greve porque têm pressa de ir embora para Minas e preferem não atrasar o término da safra.

Essa pressa por voltar para Minas e a não contestação de suas péssimas condições de vida e trabalho e quase nula participação nos movimentos reivindicatórios têm feito com que diversos produtores de cana passem a optar por contratar apenas migrantes sazonais, trazendo sérias dificuldades aos trabalhadores locais em conseguirem emprego mesmo no período da safra de cana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de migração sazonal se mostra necessário para os migrantes como forma de "ganhar dinheiro para poder viver na sua terra". É a forma para viabilizar sua vida na região de origem onde quase não conseguem trabalho.

O pequeno produtor foi inserido na economia de mercado – ele precisa comprar produtos antes produzidos na própria propriedade – pelas transformações capitalistas por que passa a região do vale do Jequitinhonha. "Em se tratando de uma economia de auto-subsistência e de quase ausência do dinheiro – uma vez que apenas o assalariamento passava pela troca monetária – esta dependência do mercado de produtos, que antes eram produzidos por eles próprios, veio a reforçar a necessidade do 'salário complemento', do 'trabalho acessório' fora da unidade camponesa" (Silva *et al.* 1985).

O assalariamento temporário aparece, contraditoriamente, como forma de resistência do pequeno produtor à completa expropriação. Ele evita a perda definitiva e total de seu lote de terra, assalariando-se temporariamente na região de destino.

A migração, com possibilidade de assalariamento para manutenção do migrante e sua família e para o cultivo do lote na região de origem, apresenta-se como barreira ao avanço capitalista do vale do Jequitinhonha e ao mesmo tempo beneficia o capital na agricultura capitalista da região de destino que necessita de grande quantidade de mão-de-obra no período de corte da cana (Silva *et al.* 1985). O contingente de migrantes vem para a colheita de cana e retorna para a região de origem para cultivar suas terras num fluxo natural que evita problemas para o capital agrícola na região de destino.

Os mineiros em grande parte, vêm "por conta própria" e se alojam nos barracões das propriedades agrícolas ou nas rústicas e precárias pensões nas cidades. Não contestam e não reivindicam melhores condições de vida e trabalho. Querem realizar rapidamente a colheita de cana e voltar para Minas e plantar sua roça. São totalmente submetidos aos interesses do capital que viabiliza a manutenção da pequena produção em Minas para ter à sua disposição um elevado e cômodo estoque

⁸ Ibid.

de mão-de-obra na região de destino. O capital aparece como salvador para os migrantes e para os comerciantes da região de origem quando na realidade é salvador de si próprio.

REFERÊNCIAS

- BACCARIN, J. G. **Trabalhadores rurais volantes da região de Jaboticabal: crescimento, características e aspectos organizacionais.** Piracicaba, ESALQ/USP, 1985. Tese Mestrado.
- FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS. **Repercussões do PROÁLCOOL no comportamento migratório do Estado de São Paulo: o caso de Ribeirão Preto.** São Paulo, 1983. (Informe Demográfico, 10)
- GEBARA, J. J. *et al.* Mercado de trabalho volante e sazonalidade da demanda de mão-de-obra na cultura da cana. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 12, Salvador, 30 de julho a 3 de agosto de 1984. **Anais.** Brasília, SOBER, 1984.
- SILVA, M. A. *et al.* Queimando-lata: sem eira, nem beira. **Perspectivas,** São Paulo, 1985. (No prelo).
- SINGER, P. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: ———. **Economia política da urbanização.** São Paulo, Brasiliense, 1979. p. 29-60.
- THOMAZ JÚNIOR, A. Barracão: forma de controle da mão-de-obra rural recriada pelo capital: os mineiros na região de Jaboticabal. **B. Paul. Geogr.,** São Paulo, **60:**141-51, jul./dez. 1983.
- VEIGA FILHO, A. *et al.* O programa nacional do álcool e seus impactos na agricultura paulista. **Est. Econ.,** São Paulo, **11:**61-82, 1982. Número especial.
- VOLL, V. L. **Ação do Estado e produção de subsistência numa região do vale de Jequitinhonha.** Piracicaba, ESALQ/USP, 1984. Tese Mestrado.